



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GÊNERO, MASCULINIDADE JUVENIL E PODER

Elaine Ferreira do Nascimento

Fundação Oswaldo Cruz

negraelaine@gmail.com

Resumo

O estudo tem por objetivo analisar os sentidos atribuídos por homens jovens à relação masculinidade-poder. A metodologia pautou-se numa abordagem qualitativa, em que se procurou compreender e contextualizar os sentidos subjacentes às falas dos sujeitos investigados, envolvendo 19 homens jovens de segmentos populares da cidade do Rio de Janeiro (RJ). Os resultados apontam que, em geral, a relação masculinidade-violência/poder-juventude pode ser um fator de vulnerabilidade. Conclui-se que, para que se tenha um outro olhar sobre esse modelo, faz-se necessária a adoção de estratégias que possibilitem outras formas de experienciar o ser homem, que invistam numa perspectiva do cuidar de si e dos outros, tornando as relações mais saudáveis e com menor risco.

Palavras-chave Gênero, masculinidades, poder, Juventude

Introdução

Com base em Keijer (2003), compreendemos a masculinidade, situadas no âmbito das relações de gênero, como um conjunto de atributos, valores, funções e condutas que se espera que o homem tenha numa determinada cultura. De acordo com Connel (2002), tanto a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

masculinidade quanto a feminilidade, além de se relacionar a outros aspectos estruturais, como raça e classe social, estão sempre vinculadas a contradições internas e rupturas históricas, fazendo com que haja múltiplas masculinidades, embora podendo haver uma que ocupa um lugar de hegemonia e, por isso, pode se tornar um modelo a ser seguido nas relações de gênero.

Caminhando nessa perspectiva e adotando um recorte geracional, observamos que a masculinidade pode apresentar um nível de complexidade ainda maior, ou seja, a adoção do modelo hegemônico de masculinidade para os jovens tende a exacerbar as marcas identitárias da masculinidade para que se possa ascender ao status de homem adulto.

Com base em Groppo (2000), compreendemos a juventude como uma categoria social, perpassada pela questão da faixa etária. Essa categoria configura, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Por essa via, o termo juventude, trata de uma concepção, representação ou criação simbólica, oriunda dos grupos sociais ou pelos próprios sujeitos tidos como jovens, para designar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Como observa o referido autor, a juventude metamorfoseia-se de acordo com a classe social, o grupo étnico/racial, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico nacional e regional, dentre outros aspectos.

A questão do gênero pode também influenciar na juventude, na medida em que, as jovens parecem experimentar maiores Dificuldades do que os jovens, mesmo dentro de um mesmo grupo juvenil – unidade de geração, repertório comum de experiências sociais, dramáticas ou não, singulares ou cotidianas. Outra questão que também pode influenciar é a de ordem racial, pois a juventude possivelmente será vivenciada e experienciada de forma bastante distinta para jovens brancos e negros, processo de inserção, oportunidades, subalternidades, construção de identidades raciais e outros.

As discussões sobre a masculina, principalmente no campo da saúde pública, têm sido perpassadas por questões relacionadas à violência. Schraiber e colaboradores (2005) chamam a atenção para a magnitude da violência vivida por homens na esfera pública, apontando que cerca de um em cada dois homens já experimentou alguma situação de agressão física.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nas relações masculinidade-violência, as questões relacionadas aos jovens vêm ganhando visibilidade, por conta da forte participação desse segmento nos atos violentos. Em geral, segundo dados epidemiológicos, os homens são mais assassinados do que as mulheres, mas é entre os homens mais jovens que ocorrem mais homicídios. Gomes e colaboradores (2005), baseados em dados do Datasus, apontam que, em 2000, mais de a metade das mortes por causas externas, entre homens jovens de 15 a 29 anos de idade, ocorreram por homicídio.

Ampliando essas discussões, observamos que o maior envolvimento de homens em homicídios e acidentes de transportes – como vítimas ou como autores – pode se articular com dois grandes símbolos masculinos: as armas e os carros. Na análise de Souza (2005), “Os carros simbolizam poder de locomoção, velocidade, liberdade e status social, que são signos de sucesso e de sedução. As armas têm o poder de submeter o outro a seus desejos e interesses, o poder de vida ou morte. Esses objetos são introduzidos desde cedo na vida do menino, na forma de brinquedos, e passam a fazer parte do universo masculino com todos os simbolismos que possuem no contexto capitalista ocidental contemporâneo” (p. 65).

As discussões acerca das relações ente juventude e violência podem nos levar a outros horizontes de análise quando a elas adicionamos questões voltadas para raça/etnia. Entretanto, a literatura aponta para o pouco investimento por parte da área da saúde no trato dessas temáticas. Junto a essa produção escassa, há autores que chamam a atenção para a necessidade de se contextualizar as relações entre raça/etnia, juventude e violência num escopo maior que envolva, dentre outros, aspectos estruturais – relacionados, principalmente, as desigualdades sócio-econômicas, bem como questões de ordem territorial – voltadas para áreas geográficas hoje consideradas de risco (CECHETTO E MONTEIRO, 2006).

Considerando as estruturas sociais que podem fragilizar/desproteger os jovens, expondo-os à situação de risco social ou a vulnerabilidades (Waiselfisz, 1998), destacam-se: o abandono, as relações sexuais desprotegidas, a situação de rua, exploração do trabalho infanto-juvenil, o alto consumo/ abuso de drogas, a violência sexual, o envolvimento com o tráfico e atos infracionais, dentre outros, além das diversas situações de violência. De acordo com Ayres (2003) quando voltamos a discussão especificamente para o campo da saúde o



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

conceito de vulnerabilidade circunscreve-se no processo de exposição das pessoas ao adoecimento como resultante de um conjunto de questões individuais coletivas, acarretando uma maior suscetibilidade à infecção e ao adoecimento de um modo geral.

Assim, essas questões se voltam para a necessidade de pensarmos a violência como um fenômeno complexo, multifacetário e um problema social e histórico, nutrida e modelada a partir de aspectos políticos, econômicos e culturais que se traduzem nas relações cotidianas entre os sujeitos e as instituições, em determinadas sociedades e sob certos contextos e circunstâncias, sendo este um processo apreendido e internalizado. Para a sua superação se faz necessário que a violência seja compreendida e analisada em suas expressões concretas e no interior da sociedade que a produziu, possibilitando sua reflexão e superação (MINAYO, 1999).

Metodologia

Nosso estudo é parte de uma investigação que procurou problematizar aspectos relacionados ao fenômeno da sexualidade masculina juvenil, buscando aqui estabelecer um diálogo da tríade: ser homem, juventude e violência, ancorada no modelo hegemônico de masculinidade. Essa investigação pautou-se numa abordagem de pesquisa qualitativa, aqui entendida como um conjunto de práticas interpretativas que busca investigar os sentidos que os sujeitos atribuem aos fenômenos e ao conjunto de relações em que eles se inserem (DESLANDES E GOMES, 2004).

O estudo foi desenvolvido com homens jovens de comunidades de baixa renda que se encontravam inseridos num curso de qualificação para o mercado de trabalho na área automobilística, promovido por uma Organização Não Governamental, numa comunidade na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Os jovens entrevistados compuseram um grupo de 19 rapazes com idades entre 15 e 17 anos. A maioria (15) tinha dezesseis anos, dois tinham 15 e outros dois 17 anos. Seus integrantes se autodeclararam pretos (12), pardos (4) e brancos (3). Dezesete deles cursavam a oitava série do segundo segmento do Ensino Fundamental e dois estavam na sexta série, no mesmo nível.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A coleta dos dados se apoiou em entrevistas semi-estruturadas. Em termos de procedimento analítico adotado no trato dos depoimentos, neste estudo utilizamos o método de interpretação de sentidos (Gomes et al, 2005), com base em princípios hermenêuticos-dialéticos para a interpretação do contexto, das razões e das lógicas dos depoimentos que giraram em torno das temáticas do estudo. A partir desse método, procuramos não só compreender os sentidos subjacentes às falas dos jovens, como buscamos interpretar significados culturais mais amplos, por meio da contextualização dos depoimentos.

Caminhando nessa trajetória, elaboramos uma síntese interpretativa, procurando articular objetivo do estudo, base teórica adotada e dados empíricos. O projeto de pesquisa da qual se insere este trabalho foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz, em cumprimento da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Para garantir o caráter sigiloso das informações, os depoimentos dos entrevistados foram codificados com nomes fictícios.

Resultado e discussão

Gênero, masculinidade juvenil e poder

Em geral, os nossos jovens entrevistados associaram – quase que de forma naturalizada – ao ser homem ao poder, traduzido principalmente por dominação e violência. Essas representações de homem reforçam os estudos que destacam o poder como um elemento estruturante do ser homem. Esse mesmo poder que estrutura e dá forma às relações entre os sujeitos, podem acabar também por condicioná-los preparando armadilhas para os mesmos. Quando os sujeitos masculinos interagem com o feminino, subentende-se culturalmente que há um domínio do primeiro sobre o segundo (Bourdieu, 2001). Kimmel (1992), no entanto, nos chama atenção para o fato de que a masculinidade se constrói não só em relação ao feminino, mas também em relação ao próprio grupo de pares e a diferentes modelos masculinos, inclusive aqueles considerados subalternos.

Relacionados direta ou indiretamente com o ser provedor, os jovens trouxeram, ainda, os sentidos de provedor e heterossexual para o ser homem. O ser provedor se associava à



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

família e ao trabalho, gerando uma instancia de reconhecimento e poder dos homens sobre os outros, e em particular sobre as mulheres; o ser dominador manteria privilégios materiais, culturais e simbólicos numa perspectiva de gênero. Já o ser heterossexual se apresentava quase que uma marca registrada do ser homem, colocando – portanto – uma dimensão de menor valia aos homossexuais e o violento, que seria a supremacia do masculino sobre todos os outros, as mulheres e os considerados menos homens.

Relativizando a engessadura do ser homem, os jovens também trouxeram o sentido de ser cuidador, na perspectiva de que o homem se cuida para poder cuidar do outro. Nesse sentido, o homem pode ser visto também como um sujeito sensível e em certa medida vulnerável. Esse sentido pode atestar que a masculinidade hegemônica não só pode ser recriada e ressignificada, como também concorrem com outras masculinidades. Essa convivência, no entanto, nem sempre é harmoniosa. Às vezes é traduzida por um processo de luta contínua, envolvendo marginalização, contestação, mobilização, resistência e subordinação.

Essa luta, entretanto, tem um ritmo e variáveis próprias e não está conscientemente vinculada a um grupo de homens, mas a uma trama de relações complexas, em que se procura ajustar, legitimar e velar as características históricas e culturais da masculinidade, tornando-a estabelecida, eterna, natural e, portanto, a-histórica. E, em particular, os jovens entrevistados fazem parte de um segmento socioeconomicamente fragilizado e estão inseridos na instituição em busca de melhores oportunidades de renda e vida, este cenário pode demarcar diferenciadamente o olhar destes jovens.

De acordo com Minayo e Souza (1999), a violência social tem raízes no processo de sociabilidade dos sujeitos, portanto esta precisa ser compreendida no interior das relações entre os sujeitos e estes com o Estado. Assim, quando lidamos com a associação entre masculinidade e violência, esta pode ser reforçada a partir do perfil de mortalidade por causas externas, onde se inclui aquelas relacionadas à violência.

Entretanto, a ideia de que o ser masculino seja naturalmente mais violento do que o ser feminino não pode ser reificada. Nessa perspectiva, as discussões apontam para uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

dimensão sociocultural em que os nexos entre masculinidade e violência se estabelecem, fazendo com que, em relação às mulheres, os homens sejam mais vulneráveis a situações de violência na esfera pública; sofram maiores pressões para reconhecer e utilizar a violência como recurso legítimo e tenham maior dificuldade em aceitar imposições sociais sobre direitos de igualdade com os outros menos valorizados na escala social (SCHAIBER et al,2005).

Ao articularmos juventude, masculinidade e violência, esta tríade pode apontar que: se o ser homem é mais vulnerável à violência, o ser homem jovem pode acirrar essa vulnerabilidade. Na medida em que a juventude pode ser entendida como um status intermediário entre a infância e a fase adulta, o jovem para acessar o status de ser homem, pode se deparar com a violência como um caminho a ser trilhado. Nesse sentido, se o ser masculino é associado ao ser violento, a construção da identidade masculina passa também pelo lidar com a violência, seja como autor ou como vítima, papéis que ora se excluem, ora se superpõem.

De um modo geral, para os jovens que fizeram parte de nosso estudo, a violência nas comunidades, quase sempre associada ao tráfico de drogas, tem se apresentado como um constante desafio em ser superado, pois existe o estigma de ser jovem, quase sempre negro, pobre e morador de favela, como elementos de discriminação e marginalização desses jovens, essa é uma constatação que tem sido apresentada em alguns estudos (CECCHETTO E MONTEIRO, 2006).

Esses jovens vivem então situações que podem ser vistas como vulnerabilizantes, à medida que os mesmos podem ser reconhecidos a partir de um certo estigma que os identifica, quase sempre, como autores de violência.

Essa concepção de vulnerabilidade aparece nas ideias de Bourdieu (2001) sobre capital cultural, social e simbólico, ou seja, aquilo que se adquire por “relações de comunicação”, tomando-se consciência de violências simbólicas, do que aparece como arbitrário. É quando as vulnerabilidades vividas propiciam o desenvolvimento para um poder simbólico de subversão.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Conclusão

A desconstrução da violência exige o envolvimento dos sujeitos, das instituições e da sociedade, em suas multidimensionalidades – física, mental, emocional, ética, espiritual, econômica, jurídica, política etc. O sistema educacional tem uma responsabilidade especial nesse processo. Se, por um lado, é fundamental não ceder à tentação de colocar a responsabilidade pela transformação da sociedade nos ombros da educação ou de considerar que as injustiças socioeconômicas poderão ser solucionadas por um ensino de qualidade, por outro lado, é inegável o papel crucial que desempenha na formação intelectual e moral de novas gerações.

Um dos fatores para que os jovens tenham sido engolfados nessa trama da violência é a dificuldade de diálogo entre o conjunto de atores sociais que lidam com esse segmento de forma mais estreita, ou seja, família, setor de educação e de saúde, e o Estado que desconhecem ou pouco valorizam as características e necessidades dessa e tapa. A juventude, portanto, é marcada/demarcada por profundas transformações nas quais se entrelaçam processos de amadurecimento físico, mental, emocional, social e moral, que são influenciados pelas peculiaridades inerentes a cada sujeito, pelo seu ambiente sociocultural e pelo momento histórico, o que torna complexa a sua delimitação ou conceituação.

Em relação à violência ser vista como um processo de sociabilidade masculina, de acordo com os nossos entrevistados, os espaços mais singelos ou mesmo ingênuos são tidos como locus privilegiados de ações naturalmente violentas. Estes espaços podem ser problematizados a partir da perspectiva daquilo que Welser-Lang (2001) chama de “casa dos homens”. Ou seja, espaços considerados exclusivamente de “machos” responsáveis pelo processo de ensino/aprendizado do ser homem, recintos em que tanto mestres quanto discípulos seriam moldados na perspectiva do modelo hegemônico de masculinidade, forjando suas identidades com dor e sofrimento, tendendo – portanto – a naturalizar a violência como um elemento pertencente ao masculino.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Portanto, a identidade masculina se ancora em múltiplos roteiros, que refletem relações entre os diferentes modelos de masculinidade. Dentro dessa lógica, aquele que consegue ser mais valorizado, com maior legitimidade, se apropriar de outros modelos, concentrando maior poder, pode ser considerado hegemônico. Tal modelo, idealmente formulado e dificilmente seguido por todos os homens, consiste numa referência que, ao mesmo tempo, se impõe e se relaciona com os modelos alternativos ou subordinados (CECCHETTO, 2004).

Assim, torna-se necessário ampliar e complexificar as discussões que envolvam a tríade masculinidade, juventude e violência buscando promover a saúde dos homens jovens e o seu protagonismo nas ações e políticas de saúde.

Referências Bibliográficas

- Ayres JRCM, França Júnior I, Calazans GJ & Saletti Filho HC. In: Czeresnia D (org.). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendência. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2003.
- Bourdieu P. Meditações pascalinas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2001.
- Cecchetto FR e Monteiro S. Discriminação, cor e intervenção social entre jovens na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): a perspectiva masculina. Estudos Feministas, 2006; 14 (1): 199-218.
- Cecchetto FR. Violência e estilos de masculinidades. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- Connell RW. On hegemonic masculinity and violence: response to Jefferson and Hall. Theoretical Criminology 2002; 6(1):89-99.
- Deslandes SF, Gomes R. A pesquisa qualitativa em serviços de saúde: notas teóricas. In: Bosi MLM, Mercado FJ, organizadores. Pesquisa qualitativa de serviços de saúde. Petrópolis: Editora Vozes; 2004. p. 99-120.
- Gagnon JH. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond; 2006.
- Gomes R, Nascimento E.F. A produção do conhecimento da saúde pública sobre a relação homem-saúde: uma revisão bibliográfica. Cad Saúde Pública; 2006; 22 (Supl 5): 901-11.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Gomes R, Nascimento EF, Araújo FC. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa. *Cad Saúde Pública*; 2007; 23 (3): 567-74.

Grosso LA. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2000.

Keijer B. Hasta donde el cuerpo aguante: género, cuerpo y salud masculina, In: Cáceres C, Cueto M, Ramos M, Vallens S, coordinadores. *La salud como derecho ciudadano: perspectivas y propuestas desde América Latina*. Lima: Facultad de Salud Pública y Administración de la Universidad Peruana Cayetano Herida; 2003. p. 137-5

Kimmel M. La producción teórica sobre la masculinidad: nuevos aportes. *Isis Internacional - Ediciones de las Mujeres*, 17:129-138, 1992.

Minayo MCS, Souza ER. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciênc. Saúde Coletiva*, 1999; 4(1): 07-23

Schraiber LB, Gomes R, Couto MT. Homens na pauta da saúde coletiva. *Ciênc. Saúde Coletiva* 2005; 10 (Supl 1): 7-17.

Souza, ER. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1): 59-70, 2005.

Waiselfisz, J.J. *Juventude violência e cidadania: os jovens de Brasília, São Paulo, Cortez*, 1998.

Welzer-Lang D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 2001; 2: 460-82.